

Vivência ambígua do estudante do curso de graduação em enfermagem ao distanciar-se da família

The ambiguous experience of a nursing student when distancing themselves from their Family

La experiencia ambigua de un estudiante de enfermería al distanciarse de su familia

DOI: 10.54033/cadpedv22n14-013

Originals received: 10/27/2025

Acceptance for publication: 11/17/2025

Luma Costa Pereira Peixoto

Doutora em Enfermagem e Saúde
Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Endereço: Jequié, Bahia, Brasil
E-mail: luma.costa@uesb.edu.br

Patricia Anjos Lima de Carvalho

Doutora em Enfermagem e Saúde
Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Endereço: Jequié, Bahia, Brasil
E-mail: patriciaalc@uesb.edu.br

Luana Machado Andrade

Doutora em Enfermagem e Saúde
Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Endereço: Jequié, Bahia, Brasil
E-mail: luana.machado@uesb.edu.br

Vanessa Meira Maia

Mestre em Enfermagem e Saúde
Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Endereço: Jequié, Bahia, Brasil
E-mail: vmmaia45@gmail.com

Thainan Alves Silva

Mestre em Enfermagem e Saúde
Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Endereço: Jequié, Bahia, Brasil
E-mail: thainanalves13@gmail.com

Edite Lago da Silva Sena

Doutora em Enfermagem

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Endereço: Jequié, Bahia, Brasil

E-mail: edite.lago@uesb.edu.br

RESUMO

O ingresso na universidade frequentemente implica o distanciamento da família, gerando vivências ambíguas que afetam a adaptação, o bem-estar e a construção da autonomia dos estudantes. Considerando que a família constitui importante espaço de afeto, cuidado e referência existencial, a ruptura ou o afrouxamento dessa convivência pode provocar tanto sofrimento quanto abertura para novas possibilidades de ser. Diante desse cenário, o estudo teve como objetivo compreender como os estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem lidam com o distanciamento da família decorrente do ingresso na vida universitária. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, realizada com 41 estudantes de uma universidade pública do interior da Bahia. As descrições vivenciais foram produzidas em rodas de Terapia Comunitária Integrativa temática, entre fevereiro e abril de 2019, e analisadas pela Analítica da Ambiguidade, conforme os princípios éticos da Resolução 466/2012. Os resultados revelaram três eixos: a coexistência entre estudante e família na vivência da distância; a ambiguidade entre desejo de liberdade e necessidade de pertencimento; e a experiência do “eu posso”, que expressa transcendência, autonomia e abertura para o mundo. Conclui-se que o distanciamento familiar mobiliza sentimentos ao mesmo tempo que favorece autonomia e crescimento pessoal, configurando uma vivência ambígua que ressignifica o cuidado de si e as relações familiares.

Palavras-chave: Acontecimentos que Mudam a Vida. Educação em Enfermagem. Família. Percepção social. Saúde Mental.

ABSTRACT

Entering university often entails distancing from the family, generating ambiguous experiences that affect students' adaptation, well-being, and development of autonomy. Considering that the family constitutes an important space of affection, care, and existential reference, the rupture or loosening of this coexistence can provoke both suffering and an opening to new possibilities of being. In this context, the study aimed to understand how undergraduate Nursing students deal with family distancing resulting from entering university life. This is a qualitative study grounded in Maurice Merleau-Ponty's phenomenology, conducted with 41 students from a public university in the interior of Bahia, Brazil. The experiential descriptions were produced through thematic Integrative Community Therapy circles between February and April 2019 and analyzed using the Analytic of Ambiguity, in accordance with the ethical principles of Resolution 466/2012. The results revealed three axes: the coexistence between student and family in the experience of distance; the ambiguity between the desire for freedom and the need for belonging; and the experience of the “I can,” which expresses

transcendence, autonomy, and openness to the world. It is concluded that family distancing mobilizes contradictory feelings while fostering autonomy and personal growth, shaping an ambiguous experience that redefines self-care and family relationships.

Keywords: Life-Changing Events. Nursing Education. Family. Social Perception. Mental Health.

RESUMEN

El ingreso a la universidad frecuentemente implica el distanciamiento de la familia, generando vivencias ambiguas que afectan la adaptación, el bienestar y la construcción de la autonomía de los estudiantes. Considerando que la familia constituye un importante espacio de afecto, cuidado y referencia existencial, la ruptura o el aflojamiento de esa convivencia puede provocar tanto sufrimiento como apertura a nuevas posibilidades de ser. Ante este escenario, el estudio tuvo como objetivo comprender cómo los estudiantes del Curso de Graduación en Enfermería lidian con el distanciamiento familiar derivado del ingreso a la vida universitaria. Se trata de una investigación cualitativa, fundamentada en la fenomenología de Maurice Merleau-Ponty, realizada con 41 estudiantes de una universidad pública del interior de Bahía, Brasil. Las descripciones vivenciales fueron producidas en ruedas de Terapia Comunitaria Integrativa temática, entre febrero y abril de 2019, y analizadas mediante la Analítica de la Ambigüedad, conforme a los principios éticos de la Resolución 466/2012. Los resultados revelaron tres ejes: la coexistencia entre el estudiante y su familia en la vivencia de la distancia; la ambigüedad entre el deseo de libertad y la necesidad de pertenencia; y la experiencia del “yo puedo”, que expresa trascendencia, autonomía y apertura al mundo. Se concluye que el distanciamiento familiar moviliza sentimientos contradictorios al tiempo que favorece la autonomía y el crecimiento personal, configurando una vivencia ambigua que resignifica el cuidado de sí y las relaciones familiares.

Palabras clave: Acontecimientos que Cambian la Vida. Educación en Enfermería. Familia. Percepción Social. Salud Mental.

1 INTRODUÇÃO

A estrutura familiar tem passado por alterações em sua constituição, e, independentemente do modelo de família, continua sendo uma instituição cuidadora de seus membros, “lugar” de socialização, convivência e educação, em que se aprende valores éticos, morais, humanos, e se constroem os valores culturais (Campos; Melo, 2022).

Além mediadora entre sujeito e sociedade, a família constitui um dos principais pontos de cuidado da vida psíquica das pessoas, base para construção de um modelo relacional que permite criar outras relações, desde as laborais, de amizade, parentesco até a construção de uma nova família (Souza, 2010).

Entretanto, ao mesmo tempo que a instituição familiar transmite práticas de cuidado e responsabilidade, também pode gerar carência e vulnerabilidade. Tanto protege, quanto produz dano (Pizzi, 2012). Assim, acreditamos que a família contribui tanto para a prevenção do sofrimento, quanto para sua promoção.

No contexto do estudante universitário, é notória a *coexistência* dele com a família, evidenciada pela experiência do ser sensível. Assim, na complexa rede de fatores que envolve o estudante, a família também pode ser um fator incentivador e/ou desmotivador, para a decisão de ingressar na universidade, manter-se nela e, ainda, para lidar com as diversas situações vivenciadas neste contexto.

Refletindo sobre a família, à luz da fenomenologia, compreendemos que o cuidar se realiza na relação, “como um movimento ambíguo que transita entre cuidado e descuido, em contínua transcendência. Esse movimento emerge do entrelaçamento entre o irrefletido (descuido) e o refletido (cuidado), revelando-se na intersubjetividade” (Carvalho *et al.*, 2019, p3).

Essa experiência relacional nos conduz à compreensão de que a percepção é ambígua, porque se deixa transparecer a ambiguidade do mundo e está relacionada à vivência do *corpo próprio*, do “*si mesmo*”, do entrelaçamento do mundo que se revela para mim, e o julgamento social, o “*para si*” (Terra *et al.*, 2009; Sena *et al.*, 2010). Uma ambiguidade que se revela pelo duplo aspecto da existência corporal, assim, o *corpo* não é objeto, nem tampouco a consciência, é pensamento. O que se apresenta é sempre outra coisa além do que é, sem fechamento, pois a existência vem do nascer do mundo e nascer no mundo (Merleau-Ponty, 2015).

Iniciar uma trajetória acadêmica requer do estudante maior dedicação às atividades universitárias na maior parte do dia, especialmente nos cursos da

saúde, como os Cursos de Graduação em Enfermagem, que são diurnos. Inevitavelmente, acontece o afastamento do meio familiar, devido à mudança do município de residência para a cidade em que o curso de graduação é ofertado, ou às demandas cotidianas inerentes à vida acadêmica (Mata, 2021).

Assim, o contexto universitário, enquanto ambiente de estudos e vivência cotidiana, pode ser encarado como um potencial estressor para os estudantes, envolvendo desafios relacionados à adaptação social, psicológica e emocional frente às mudanças na rotina e às exigências acadêmicas. Entre os fatores estressores destacam-se: confrontos e rupturas pessoais, redefinição de papéis sociais, distanciamento de familiares e amigos, demandas do ambiente acadêmico, dificuldades socioeconômicas, e, conflitos nas relações interpessoais (Nogueira Martins; Nogueira Martins, 2018; Mohebbi, 2019).

O estresse relacionado às experiências acadêmicas pode ter efeitos deletérios em seu bem-estar, físico e emocional, colocando em risco o desenvolvimento acadêmico e/ou profissional. Ademais, é necessário perceber que o cotidiano propicia uma série de situações geradoras de estresse, que se somam de forma silenciosa, afetando de maneira singular cada sujeito (Hirsch, 2018).

Destacam-se também os ganhos advindos do afastamento familiar, pois, ao distanciar-se, o estudante assume responsabilidades, desenvolve autonomia e resiliência para enfrentar as consequências de suas escolhas. Assim, cresce como ser humano, entrelaçando em uma teia de afetamentos que repercute em sua qualidade de vida e bem-estar (Silén *et al.*, 2024).

Essas reflexões levaram à construção da tese de que o afastamento da família gera sofrimento, conduzindo à seguinte questão de pesquisa: como estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem lidam com o distanciamento da família decorrente do ingresso na vida universitária? Assim, surgiu o objetivo do estudo: compreender como estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem lidam com o distanciamento da família decorrente do ingresso na vida universitária.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um recorte da tese de doutorado “Percepção de estudantes do curso de graduação em Enfermagem sobre sua saúde mental”, de abordagem qualitativa, fundamentada na fenomenologia de Merleau-Ponty, centrada na percepção humana. O estudo foi desenvolvido em uma universidade pública da Bahia, que oferta 40 vagas semestrais para o Curso de Graduação em Enfermagem, com carga horária de 4.160 horas distribuídas entre disciplinas obrigatórias, optativas, aulas práticas, estágios supervisionados, e atividades complementares, que precisam ser cumpridas em dez semestres.

Participaram 41 estudantes incluídos por sua regularidade e matrícula no curso. Foram convidados durante visitas em horário aleatório às salas de aula de todos os semestres. Não houve limitação quanto ao número de participantes, considerando-se a abertura fenomenológica de incluir todos os que desejassem compartilhar suas vivências.

Nas visitas, apresentamos os objetivos e procedimentos do estudo e esclarecemos sobre a produção das descrições vivenciais. Os interessados assinaram lista de participação e, posteriormente, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido ou de Assentimento, quando menores de 18 anos. Para preservar o anonimato, cada participante escolheu um nome fictício.

A produção das descrições vivenciais ocorreu em quatro rodas de Terapia Comunitária Integrativa (TCI) realizadas entre fevereiro e abril de 2019, com duração aproximada de uma hora e meia. As rodas foram conduzidas pelos autores, com formação específica na metodologia, participaram ativamente 29 estudantes.

A TCI constitui uma prática integrativa e complementar em saúde, conduzida por profissionais com formação específica. Caracteriza-se como espaço de partilha intersubjetiva e promoção da saúde mental, valorizando a experiência e o saber de vida dos participantes (Barreto, 2008). Optamos pela TCI temática por considerar seu favorecimento à expressão e reflexão sobre vivências, conforme evidenciam estudos recentes que apontam sua eficácia na

escuta ativa, fortalecimento de vínculos e promoção da autonomia (Rocha *et al.*, 2013; Sena *et al.*, 2023).

As temáticas norteadoras foram: o que no cotidiano da universidade tem me feito sentir em um casulo, e o que eu tenho feito ou devo fazer para me tornar borboleta? Ostra que não foi ferida, não produz pérola, então, o que considero que no contexto universitário me ajuda a transformar em pérola e quais feridas considero desnecessárias à essa transformação? Quais são as grades da minha gaiola e quais chaves posso ter para voar?

Os áudios foram gravados e transcritos integralmente. A compreensão dos fenômenos deu-se pela aplicação da Técnica Analítica da Ambiguidade, que compreende: organização e leitura exaustiva das descrições, abertura ao texto de modo que o fenômeno se mostre em si mesmo, e emergência das categorias empíricas a partir das ambiguidades perceptivas entre pesquisador e participantes (Sena *et al.*, 2017).

Atende-se aos preceitos éticos da Declaração de Helsinki e Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, segundo parecer nº 3.092.573 (WMA, 2013; Brasil, 2013).

3 RESULTADOS

Os fenômenos desvelaram-se tal como se apresentam em si mesmos, como uma figura sobre um fundo, que possui vários perfis, e por isso, nunca conseguiremos chegar a sua essência. Nas descrições vivenciais dos estudantes, percebemos a manifestação dos fenômenos, como um feixe de luz, atravessados por uma história (intuitiva e social) vinculada a um *corpo* que emerge do mundo da vida (temporalidade) (Merleau-Ponty, 2015).

Ademais, também partimos da compreensão de que a percepção é ambígua, pois opera no entrelaçamento da dimensão sensível com a reflexiva, por meio da intersubjetividade (Merleau-Ponty, 2014). Deste modo, cada narrativa é expressão da coexistência entre o estudante e o mundo, coexistência

esta que se dá em revelação, ao mesmo tempo, o desejo de estar-com e a necessidade de diferenciar-se, de tornar-se outro.

Antes de detalhar as categorias, apresentamos a caracterização dos participantes, que permite situar os perfis vivenciais no contexto da pesquisa. Entre os estudantes, 20 escolheram Enfermagem como primeira opção profissional, 40 dedicavam-se integralmente aos estudos, sem exercer atividade laboral; 35 eram do sexo feminino; a faixa etária variou entre 17 e 42 anos; e, 22 estudantes não residiam com seus familiares no período da pesquisa, em virtude da mudança de município para cursar a graduação.

A partir da análise das descrições vivenciais, à luz da fenomenologia de Maurice Merleau Ponty, emergiram três categorias, que expressam o modo como o estudante percebe a sua relação com família no movimento de tornar-se sujeito no mundo acadêmico e social: coexistência entre o estudante e sua família produz sofrimento na distância; ambiguidade dos estudantes em relação à família; e, o estudante e a experiência do “eu posso” com o distanciamento da família.

3.1 COEXISTÊNCIA ENTRE O ESTUDANTE E SUA FAMÍLIA PRODUZ SOFRIMENTO NA DISTÂNCIA

A *coexistência*, compreendida em Merleau-Ponty, como o “existir com”, manifesta-se, nas vivências dos estudantes, a partir dos sentimentos emergentes da intersubjetividade e do entrelaçamento com suas famílias. Nesse espaço relacional compartilham algo que é próprio da espécie - a humanidade, mas, também, a singularidade que marca a vivência interpessoal de cada estudante com sua família.

Deste modo, a *coexistência* se desvela por meio de sentimentos, tanto de afeto, amor, prazer, satisfação e gozo, como de raiva, descontentamento, desprazer, repulsa, insatisfação, sofrimento, entre outros, inclusive sentimentos ambíguos, como observamos na descrição a seguir:

Tenho a rotina de vir para a universidade e ficar o dia todo. Além disso, sou bolsista, e tenho que dar mais um turno à noite, então, chego em casa dez horas da noite. Moro com meu pai e minha mãe, mas às vezes, nem consigo vê-los. Então, ela compensa todo aquele amor e carinho no momento em que me acha disponível. E, às vezes, é aquele momento que você está estressada, que não quer ver ninguém, nem falar com ninguém. E aí, às vezes, me sinto um pouco ríspida, e dura com minha mãe. Acho que a universidade me tirou mais esse contato, esse carinho com minha mãe (Joana).

A afetividade aparece na relação como uma dimensão essencial da existência e está enraizada na convivência com pessoas que possuem maior significado, sobretudo os familiares. Assim, torna-se singular e, independente de outros tipos de vínculo, permanece como base fundamental para o desenvolvimento emocional, intelectual e social, como mostra a descrição:

Família para mim em primeiro lugar e em qualquer circunstância, eu não vou colocar a universidade na frente da minha família, nunca! (Joaquim)

O afastamento familiar decorrente da vida universitária ou perdas significativas gera sofrimento e repercute na saúde, especialmente, a saúde mental. As demandas acadêmicas, ao mesmo tempo que possibilitam crescimento, também contribuem para distanciar o estudante do núcleo familiar de origem. Vejamos:

O que mais me abalou durante o curso todo foram situações familiares, quando no terceiro semestre meu avô faleceu e agora o adoecimento da minha mãe. A questão família pesa muito (Joaquim).

Eu gostava de todo domingo sair com meu pai, porque meus pais são separados, então, eu saía com meu pai, jogava bola, passávamos o dia juntos, depois da universidade não consigo mais fazer isso, quase não vejo meu pai. Já passei quase um mês sem ver meu pai. Isso para mim é horrível (Igor).

Já percebi que, em diversos momentos, quando não estava me concentrando, que estava muito estressado, irritado, era devido à falta da família. Porque, por mais que eu tenha um suporte muito bom de amigos aqui, família é família. Então, você sente saudade, e isso acaba dificultando muito sua vida (Felipe).

Percebemos, nas descrições vivenciais dos estudantes, a falta que sentem dos familiares em virtude do distanciamento, decorrente da dedicação à

universidade, que afeta suas vidas, em função do valor que atribuem aos vínculos familiares.

3.2 AMBIGUIDADE DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO À FAMÍLIA

Nesta categoria, apresentamos, a ambiguidade entre o ‘*ser sensível*’ e o ‘*ser reflexivo*’; o dilema vivido entre o *sentir* e o *pensar*. Por um lado, o desejo de satisfazer seus sentimentos, e por outro, a preocupação com o mundo social, o olhar do outro, e o que se é “para os outros”.

Eu e minha família, fizemos a mudança em um dia, e no outro eles foram embora; e aí, olhei para os quatro cantos e não tinha ninguém, aquilo começou a me apavorar [...]; é difícil quando você está sentindo que não está indo bem no semestre, na disciplina, e não poder contar para ninguém. Eu não tenho coragem de falar para ela que eu não estou indo bem, que não estou conseguindo, porque vai todo mundo perguntar o porquê, e eu não sei explicar (Marta).

A forma como muitos familiares compreendem a vivência universitária pode gerar sofrimento nos estudantes, sobretudo naqueles que estão fisicamente distantes, que, ao tentarem expressar suas dificuldades, muitas vezes se silenciam por não se sentirem reconhecidos em seu sofrimento.

Quando eu cheguei na universidade eu tinha 17 anos de idade, e vim morar sozinha, foi muito difícil para mim. Eu tinha medo de dizer que estava ruim e me levarem de volta para minha cidade, porque eu sempre quis entrar nessa universidade. Quando criei coragem de dizer que aqui tinha assalto, que era perigoso, desabei chorando no chuveiro de casa falando para minha mãe. Aí ela falou: “mas lá você só estuda”! Então, não adiantou eu tomar coragem e falar porque ela estava achando que minha realidade estava ótima. Eu estava sendo sustentada, ela estava pagando um apartamento para mim. Eu ia de ônibus para a universidade, só estudava, então não tinha motivos para sofrer. Às vezes, a pessoa não entende que a gente sofre aqui (Ellora).

Fica evidente a tensão entre o *sentir* e o *pensar*. Por um lado, o desejo de permanecer na universidade, conquistar a autonomia; de outro, a exigência sociofamiliar que, por conseguinte, gera a necessidade de dar satisfações, de mostrar-se forte, corresponder às expectativas e não poder desistir.

Ademais, as descrições desvelam relações familiares marcadas pela opressão, controle, falta de diálogo, dominação e obediência aos mais velhos, frequentemente naturalizadas como expressão de respeito. Entretanto, esta relação, embora pareça cuidado, também pode gerar mais sofrimento, expressando uma ambiguidade no cuidado dos familiares com os estudantes, que, embora, na tentativa de cuidar, descuidam.

Minha grade é minha família, mais especificamente minha tia. Fui criada por ela, que é muito controladora. Eu acho que tenho que fazer as coisas do jeito que ela quer, porque se eu não fizer, estou sendo ingrata; porque ela me criou e eu tenho essa obrigação na minha cabeça. Mas estou tentando mudar, porque eu deixo de fazer o que quero para fazer o que ela quer, e isso me causa muito mal (Júbila).

Essa ambiguidade entre sentir e pensar também se desvela nas experiências em que o afeto convive com o controle e a culpa, gerando um conflito entre o desejo de liberdade e a necessidade de aprovação social e familiar, vejamos:

Minha avó me criou desde pequena, e, se sente na obrigação de estar constantemente me controlando, se eu quiser sair com meus amigos ela me proíbe. Não me deixa sair para lugar algum, desde pequena eu vivi assim. Cresci em um meio com falta de diálogo, ninguém conversa com ninguém. Gritaria, brigas... já passei por situações nada legais! E toda vez que lembro, começo a chorar (Luz).

Eu sou a caçula, e minha mãe coloca todas as expectativas dela em mim. Me cobra muito, controla demais, até a hora que eu vou dormir, que eu vou para o banho, que eu como, tudo ela quer me controlar. E eu comecei a me sentir muito sufocada. Então, há pouco tempo comecei a enfrentá-la mais, mas me sinto um pouco culpada com isso, porque é como se eu estivesse frustrando-a. Eu queria fazer a vontade dela, mas tenho a minha vontade, as minhas expectativas de vida. Isso acaba sendo uma confusão na minha mente (Lia).

Essas descrições desvelam como a criação materna baseada na superproteção, mesmo que irrefletidamente, pode repercutir de forma desafiadora na vida adulta, quando os filhos já não estão sob os cuidados de alguém e necessitam assumir as suas próprias responsabilidades e o cuidado de si. Essa realidade pode resultar em dificuldade de elaborar frustrações e enfrentar desafios, bem como na interrupção da vivência “eu posso”.

3.3 O ESTUDANTE E A EXPERIÊNCIA DO “EU POSSO” COM O DISTANCIAMENTO DA FAMÍLIA

O sofrimento e a liberdade abrem caminhos para a experiência do “eu posso”. Essa vivência depende dos vínculos familiares anteriores e da falta sentida com o afastamento, de onde podem emergir tanto o sofrimento quanto a liberdade e o crescimento pessoal. Em ambas as situações, experimenta o encontro com o outro e o tornar-se “um outro eu mesmo”, por meio da temporalidade que o conduz à transcendência. O “*eu posso*” expressa, a potência humana de ultrapassar-se e recriar-se por meio da intercorporalidade (Merleau-Ponty, 2015).

Para mim, um sofrimento que foi necessário, e trouxe benefícios, foi ser colocado fora daquele mundo que eu estava vivendo, fora de casa. Você aprende a se descobrir, saber quem é você. Na verdade, você é só aquele filho, aquele neto; tem muito do seu valor, a sua imagem, a sua família; quando você sai, se coloca para o mundo, se descobre, descobre a sua independência, o que gosta, o que pode fazer, o seu alcance, todas as suas capacidades fora daquele contexto (Felipe).

O distanciamento familiar, embora doloroso, pode ser compreendido pelos estudantes como uma oportunidade de autoconhecimento e desenvolvimento da autonomia. Do mesmo modo, as descrições vivenciais a seguir, reforçam a vivência do “eu posso” como resultado da separação física da família, revelando o exercício da liberdade frente a relações familiares controladoras, vejamos:

Uma das minhas grades é a minha mãe, ela sempre me prendeu muito, sempre muito controladora, então eu me sentia em uma gaiola por causa dela. Uma coisa que eu fiz para mudar foi ter vindo para cá (cidade onde cursa Enfermagem), eu acabei tendo mais liberdade. Justamente por ter saído de lá e viver outra realidade aqui. Hoje, não faço tudo que me mandam, bato de frente em algumas questões que não concordo [...] me sinto melhor assim (Sofia).

Quando entrei na faculdade percebi que, ao mesmo tempo que poderia ser uma gaiola, também seria a minha chave. Porque a dependência toda que eu tinha das opiniões da minha família, de decidirem tudo por mim, (eram parte) da minha imaturidade, quando eu vim para cá, amadureci 50 anos do que eu era (Marta).

A descrição revela a transcendência e o amadurecimento da estudante ao afastar-se do berço familiar para viver sozinha, despertando para o exercício da cidadania e empoderamento. Nesse movimento, conquista liberdade, aprende a expressar-se conforme seus desejos e a defender-se, vivenciando a experiência do “eu posso”. A separação familiar, contudo, mostra-se ambígua, envolvendo dois polos: sofrimento e saúde.

Eu fui criada em uma família muito boa, com vida muito boa, mas aqui eu não ia ter ninguém para me ajudar, então, me senti sozinha, em um espaço diferente, que você tem que fazer as coisas por você, pensar, tomar as próprias decisões, mas acho isso importante (Samanta).

O meu pai queria vir de Salvador para morar comigo, então foi uma luta, porque morar com ele, para mim, seria pior do que morar sozinha. Meu pai é separado da minha mãe desde que eu tinha quatro anos, e a gente tem personalidades muito diferentes (Sofia).

O ingresso na universidade pode despertar o desejo de independência, mesmo com a possibilidade de vivenciar dificuldades, viver longe da família pode parecer uma tentativa de mostrar para si e para outrem a sua capacidade de ser no mundo, transcender, e tornar-se um “*outro eu mesmo*”.

4 DISCUSSÃO

Ao adentrar na universidade, o estudante vivencia alguma semelhança com o que acontece com um recém-nascido, enfrenta um mundo desconhecido, novo e ameaçador. Precisa de amparo para enfrentar as mudanças e desafios iniciais, bem como de um ambiente acadêmico acolhedor que favoreça sua adaptação, aprendizado e construção do saber científico (Cejudo; López-Delgado; Rubio, 2016).

O apoio e o amparo, sobretudo familiar, constituem a base de cuidado e afeto dos estudantes. A família é reconhecida como principal fonte de sustentação emocional, influenciando diretamente na permanência ou desistência do curso, a depender da qualidade das relações, do ambiente familiar e da disponibilidade de recursos (Almeida *et al.*, 2018). Ainda assim, cursar Enfermagem muitas vezes exige o afastamento do núcleo familiar, seja

pela rotina universitária ou pela mudança de cidade. Nesse distanciamento, emergem faltas de afeto, proteção e convivência, revelando a coexistência do sofrimento entre estudante e família, ambos experimentam, em diferentes modos, a dor da separação Vargas; Parra; Roa, 2019).

A coexistência, compreendida por Merleau-Ponty como o “existir com”, manifesta-se nas vivências dos estudantes a partir dos sentimentos emergentes da intersubjetividade e do entrelaçamento com suas famílias. Nesse espaço relacional, compartilham algo que é próprio da espécie, a humanidade, mas também a singularidade que caracteriza a vivência interpessoal de cada estudante com sua família.

Acerca desse compartilhamento coexistencial, Merleau-Ponty (2012) descreve que se trata de uma universalidade do sentir, uma vez que os envolvidos, na intersubjetividade, vivenciam sentimentos semelhantes. Por isso, refere-se ao entrelaçamento, no qual não é possível identificar o que é de um ou do outro na relação. Assim, um para o outro funciona como colaborador em uma reciprocidade perfeita, uma vez que coexistem em um mesmo mundo.

As descrições vivenciais dos participantes mostram que a *coexistência* aparece como saudade, solidão, angústia, tristeza, sofrimento que se impõe ao desejo de estar junto com a família quando não é possível. Esse afastamento atende ao ser reflexivo e às exigências sociais, que, nesse caso, é o desenvolvimento das atividades acadêmicas em busca de uma formação profissional. Entretanto, apesar do sofrimento causado pelo distanciamento familiar, os estudantes vivenciam a experiência de transcendência ou do “*eu posso*”, ao perceberem-se responsáveis por si mesmos.

Sobre a *coexistência*, Merleau-Ponty aborda ainda que “é justamente meu corpo que percebe o corpo de outrem, e ele encontra ali como que um prolongamento miraculoso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; doravante, como as partes de meu corpo em conjunto formam um sistema, o corpo de outrem e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno” (Merleau-Ponty, 2015, p.474). Assim, quando existe comunicação entre os corpos, vivencia-se o que o autor chama de intermundo.

Entretanto, o afastamento da família e a dificuldade de conciliar estudo, lazer e vida pessoal, podem gerar ruptura nesse intermundo.

O sofrimento com o distanciamento ocorre não apenas pela falta do afeto, mas, também, pela necessidade de desenvolver autonomia e independência. Nesse contexto se faz ver uma condição ambígua, ao mesmo tempo que estar ao lado da família constitui experiência construtiva, também pode significar uma experiência desafiadora, especialmente quando há superproteção, gerando dependência e limitação do “eu posso” (Merleau-Ponty, 2015, p.24).

Para o estudante que vivenciava repressões antes do ingresso na universidade, o afastamento familiar pode significar libertação. Ainda assim, o sofrimento pode emergir, seja pela necessidade de justificar suas escolhas, seja pela culpa que persiste. Desse modo, o sofrimento não decorre apenas do ambiente acadêmico, mas da nova percepção de si e do mundo que se revela ao ampliar seu horizonte existencial e cognitivo (Ariño; Bardagi, 2018).

Tanto próximos quanto distantes da família, os estudantes experienciam ambiguidades que entrelaçam dor e crescimento, o que podemos qualificar como saúde. Enquanto alguns vivenciam relações afetivas e de cuidado, outros enfrentam vínculos marcados por opressão e descuido.

Ao ingressar na universidade, os estudantes retomam vividos que intensificam experiências ambíguas entre o sentir e o pensar. Desejam a presença da família, mas sentem-se comprometidos com as exigências acadêmicas; anseiam o distanciamento, mas são atravessados pela moralidade que os convoca à gratidão com seus provedores. Essas reações, favoráveis ou não, são sempre influenciadas pelo mundo social e pela cultura em que estão inseridos, presença silenciosa que os afeta mesmo antes da consciência (Merleau-Ponty, 2015).

Salientamos que, conforme descreve Merleau-Ponty em “Fenomenologia da Percepção”, no capítulo sobre Liberdade, os motivos pelos quais o estudante escolhe estar na universidade não possuem força sozinhos, é a decisão dele que empresta força a esses motivos. Entretanto, para que haja liberdade é preciso que ele se comprometa com a sua decisão, e os desafio do porvir.

Para aqueles que se prendem ao sentimento de culpa, é preciso compreender à luz da fenomenologia merleau-pontyana que “uma vez outrem posto, uma vez que o olhar de outrem sobre mim, inserindo-me em seu campo, me despojou de uma parte de meu ser, compreende-se que eu só possa recuperá-la travando relações com outrem, fazendo-me reconhecer livremente” (Merleau-Ponty, 2015, p.749).

Mesmo sendo proveniente de contexto familiar favorável e afetivo, uma participante revela que o fato de se sentir dependente da família lhe provocava limitação pessoal. Nesse sentido, o ingresso na universidade e a saída da casa dos pais, apesar de todo sofrimento com a separação, propiciou crescimento pessoal, revelando o entrelaçamento das dimensões sensível e reflexiva. De um lado, a vivência de sentimentos agradáveis e desagradáveis em um mesmo contexto, e, por outro lado, o ser reflexivo que percebe a transcendência desse corpo e a importância de ter vivido o sofrimento. Só assim, olhando para si como quem olha para outrem, o vidente passa a ser verdadeiramente visível, “pela primeira vez, me apareço até o fundo debruçado sobre mim mesmo debaixo dos meus próprios olhos” (Merleau-Ponty, 2014, p.139).

Nesse sentido, a reflexão acerca da experiência do “eu posso” merleau-pontyano pode contribuir para que os estudantes reconheçam sua potência para exercitar a resiliência, enfrentando adversidades transformando-as em aprendizado. Expressões de satisfação e conquista da maturidade dos estudantes evidenciam o enfrentamento das dificuldades do distanciamento familiar.

A capacidade de resiliência está relacionada ao afeto e ao apoio familiar desde a infância (Cejudo; López-Delgado; Rubio, 2016; Ariño; Bardagi, 2018). Entretanto, superproteção e atitudes repressivas podem comprometer essa capacidade, gerando dificuldades futuras na gestão de frustrações, de forma que sofrerão ainda mais por possuírem um baixo nível de resiliência.

Estudo com universitários que relacionou inteligência emocional, resiliência e bem-estar revelou que sujeitos com maior resiliência e reparação emocional apresentam maior satisfação com a vida (Cejudo; López-Delgado; Rubio, 2016). Isso não significa ausência de sofrimento, ou vulnerabilidade às

frustrações, mas uma maior potência de superação. Exercitar a resiliência expressa a história de vida, temporalidade e o modo de ser-no-mundo, configurando o primeiro movimento da experiência do “eu posso”. Assim, ao se afastarem da família, os estudantes se lançam ao mundo em um horizonte de possibilidades, rompendo a imobilidade e abrindo-se a um movimento existencial de crescimento (Vargas; Parra; Roa, 2019; Ariño; Bardagi, 2018).

A capacidade de tornar-se um *outro eu mesmo*, só é possível por meio da vivência do tempo; o *corpo*, enquanto percepção, vai se tornando *próprio* mediante à temporalidade, uma vez que essa vivência abre possibilidade à transcendência (Merleau-Ponty, 2015). Assim, a cada nova vivência, e retomada de um horizonte de passado, poderá ocorrer um horizonte de futuro e, assim, é possível viver a experiência do “eu posso”.

Segundo Merleau-Ponty, “o tempo é o fundamento e a medida de nossa espontaneidade, a potência de ir além e de ‘niilizar’ que nos habita, que nós mesmos somos, ela mesma nos é dada com a temporalidade e com a vida [...]; nós somos inteiramente ativos e inteiramente passivos, porque somos o surgimento do tempo” (Merleau-Ponty, 2015, p.573).

5 CONCLUSÃO

Diante do exposto, é relevante que a família esteja atenta à qualidade de suas relações, especialmente entre pais e filhos, ao modo como cuidam e expressam afeto. A superproteção e as atitudes repressivas podem gerar sofrimento mútuo e limitar a capacidade de resiliência. Quando um jovem ingressa na universidade, torna-se fundamental que a família reconheça suas dificuldades e mantenha-se próxima, oferecendo suporte para os desafios dessa nova etapa.

Como limitação do estudo, destacamos o fato das vivências analisadas pertencerem a um grupo específico de estudantes de curso integral, cujo tempo de convivência familiar é restrito. Assim, recomenda-se a realização de novas pesquisas que incluam outros contextos e realidades, ampliando o debate sobre o tema.

Deste modo, o estudo possibilitou compreender como estudantes de Enfermagem vivenciam o distanciamento familiar ao ingressarem na universidade. Essa experiência foi compreendida à luz de Merleau-Ponty, a partir dos temas *coexistência*, ambiguidade do *sentir e pensar* e a possibilidade de vivência do “*eu posso*”.

Ao adentrar a vida universitária os estudantes vivenciam o afastamento da família, seja pelas exigências acadêmicas ou necessidade de deixar sua cidade de origem. Nesse processo, emergem sentimentos de falta, solidão e dificuldade em gerir a própria vida, revelando uma coexistência entre estudante e família, pois o sofrimento também é compartilhado pelos familiares que permanecem distantes.

Para aqueles cuja convivência familiar era marcada por conflitos, a universidade torna-se uma “chave para a libertação”, abrindo espaço para novas relações, maior autonomia e amadurecimento. Contudo, persistem sofrimentos vinculados a juízos morais e ao medo do julgamento familiar, evidenciando a ambiguidade entre o desejo de liberdade e o vínculo afetivo que ainda os liga à família.

De modo geral, os estudantes experienciam ambiguidades entre o *sentir* e o *pensar*: Desejam estar próximos da família, mas refletem sobre a necessidade de permanecer na universidade; almejam liberdade longe do núcleo familiar, mas permanecem preocupados com normas e expectativas sociais. A vivência universitária possibilita a transcendência do corpo. Enquanto ser no e do mundo, o estudante projeta-se do passado ao futuro, experienciando o “*eu posso*” como abertura para a liberdade, o autoconhecimento e o crescimento pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. Y. et al. Avaliação do apoio social e estresse em estudantes de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 52, e03405, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2017045703405>.

ARIÑO, D. O.; BARDAGI, M. P. Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. **Psicologia em Pesquisa**, v. 12, n. 3, p. 44-52, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/23791>.

BARRETO, A. P. **Terapia Comunitária: passo a passo**. 4. ed. rev. e ampl. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 59, 13 jun. 2013.

CAMPOS, L. L.; MELO, A. K. The family concept in the field of Brazilian health: a theoretical and reflective essay. **Esc. Anna Nery**, v. 26, e20210197, 2022. DOI: 10.1590/2177-9465-EAN-2021-0197.

CARVALHO, P. A. L. et al. Human care in light of Merleau-Ponty's phenomenology. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 28, e20170249, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0249>.

CEJUDO, J.; LÓPEZ-DELGADO, M. L.; RUBIO, M. J. Inteligencia emocional y resiliencia: su influencia en la satisfacción con la vida en estudiantes universitarios. **Anuario de Psicología**, v. 46, n. 2, p. 51-57, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.anpsic.2016.07.001>.

HIRSCH, C. D. et al. Stress triggers in the educational environment from the perspective of nursing students. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 27, n. 1, e0370014, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072018000370014>.

MATA, L. R. F. et al. Quotidiano de estudantes universitários da área da saúde durante o início da pandemia da COVID-19 no Brasil. **Investigación y Educación en Enfermería**, v. 39, n. 3, e07, 2021. DOI: 10.17533/udea.iee.v39n3e07.

MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MOHEBBI, Z. et al. State of mental health and associated factors in nursing students from Southeastern Iran. **Investigación y Educación en Enfermería**, v. 37, n. 3, e04, 2019. DOI: 10.17533/udea.iee.v37n3e04.

NOGUEIRA-MARTINS, L. A.; NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F. Saúde mental e qualidade de vida de estudantes universitários. **Revista Psicologia Diversidade e Saúde**, v. 7, n. 3, p. 334-337, 2018. DOI: 10.17267/2317-3394rpds.v7i3.2086.

OUZA, M. S. Relação entre suporte familiar, saúde mental e comportamentos de risco em estudantes universitários. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 13, n. 1, p. 143-154, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v13n1/v13n1a13.pdf>.

PIZZI, M. L. G. Conceituação de família e seus diferentes arranjos. **Revista Eletrônica LENPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL**, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/1%20Edicao/1ordf.%20Edicao.%20Artigo%20PIZZI%20M.%20L.%20G.pdf>.

ROCHA, I. A. et al. Terapia comunitária integrativa: situações de sofrimento emocional e estratégias de enfrentamento apresentadas por usuários. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 34, n. 3, p. 155–162, 2013. DOI: 10.1590/S1983-14472013000300020.

SENA, E. L. D. S. et al. Terapia comunitária como estratégia de promoção à saúde mental de agentes comunitários de saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 44, n. 1, e2022-0243, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngen/a/mVYgxz44LzbzSpHy8yr3dJt/?lang=pt>.

SENA, E. L. S. et al. Ambiguidade do cuidado na vivência do consumidor de drogas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, n. 2, e64345, 2017. DOI: 10.1590/1983-1447.2017.02.64345.

SENA, E. L. S. et al. Analítica da ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 31, n. 4, p. 769-775, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472010000400022>.

SILÉN, C. et al. Designing for student autonomy combining theory and clinical practice – a qualitative study with a faculty perspective. **BMC Medical Education**, v. 24, p. 532, 2024. DOI: 10.1186/s12909-024-05514-y.

TERRA, M. G. et al. Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty como referencial teórico-filosófico numa pesquisa de ensino em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 30, n. 3, p. 547-551, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4163>.

VARGAS PORRAS, C.; PARRA, D. I.; ROA DÍAZ, Z. Factores relacionados con la intención de desertar en estudiantes de enfermería. **Revista Ciencia y**

Cuidado, v. 16, n. 1, p. 86-97, 2019. Disponível em:
<https://revistas.ufps.edu.co/index.php/cienciaycuidado/article/view/1545>.

WORLD MEDICAL ASSOCIATION. Declaration of Helsinki: ethical principles for medical research involving human subjects. **JAMA**, v. 310, n. 20, p. 2191-2194, 2013.

